

#cm
2

QUINTA-FEIRA

Machado permanece

Machado de Assis, o escritor que fundou a Academia Brasileira de Letras e moldou a literatura brasileira, ganha uma celebração à altura de sua importância neste domingo (21). O Festival Machado de Assis ocupa os pilotis do Museu de Arte do Rio (MAR) com 12 horas de programação gratuita que transforma a obra do maior nome da literatura em língua portuguesa em experiência coletiva com caminhadas literárias pelo Centro Histórico, mesas de debate com acadêmicos sobre raça e poder na obra machadiana, leituras em microfone aberto e um espetáculo cênico-musical que encerra a noite em baile charme. Páginas 2 e 3

A crítica social vestida de ironia

AFFONSO NUNES

Machado de Assis, o escritor que revolucionou a narrativa brasileira no século XIX e permanece absolutamente vivo nas questões que coloca sobre poder, raça, desejo e hipocrisia social, ganha uma celebração à altura de sua importância neste domingo (21). O Festival Machado de Assis, apresentado pela Prefeitura do Rio por meio da Secretaria Municipal de Cultura, ocupa os pilotis do Museu de Arte do Rio (MAR), na região da Pequena África, com 12 horas de programação gratuita que transforma a literatura em experiência coletiva.

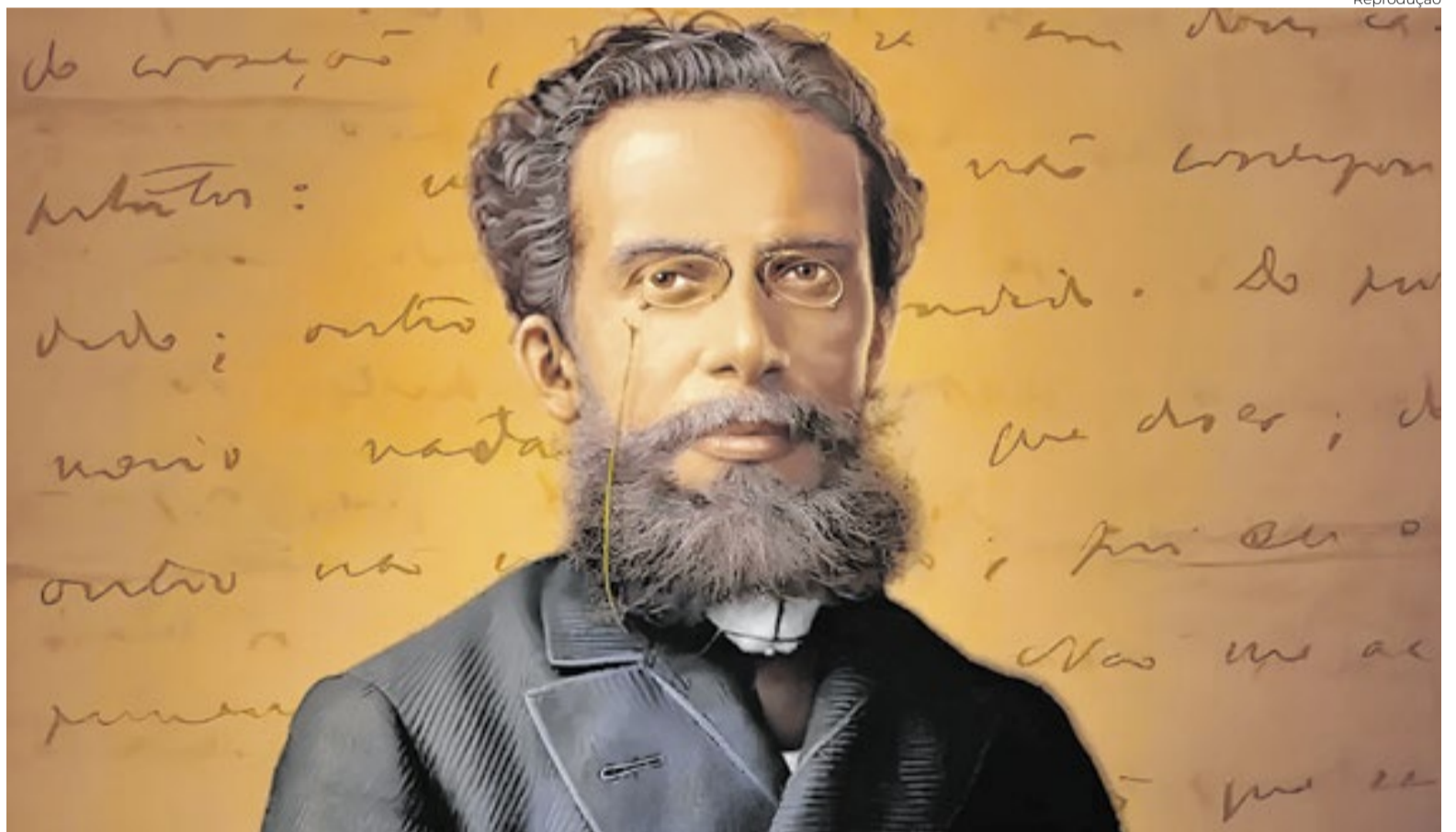
Idealizado pela escritora e acadêmica Ana Maria Gonçalves — primeira mulher negra eleita para a Academia Brasileira de Letras, a casa criada pelo próprio Machado — o festival reúne caminhadas literárias pelo Centro Histórico, mesas de debate com especialistas, leituras em microfone aberto, intervenções artísticas e um espetáculo cênico-musical que promete encerrar a noite em celebração coletiva com baile charme.

A relação de Machado com o Rio é orgânica. O autor viveu e trabalhou na cidade e sua obra está intimamente ligada à história cultural carioca. Nascido em 21 de junho de 1839, o escritor testemunhou transformações profundas na política, economia e sociedade brasileira ao longo de sua vida — da escravidão à abolição, da monarquia à república — refletindo tudo isso em narrativas que combinavam ironia aguçada, análise social implacável e uma sofisticação literária que o colocou entre os maiores nomes da literatura em língua portuguesa.

Sua contribuição para as letras brasileiras é incontestável: foi o introdutor do Realismo no Brasil com “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881), obra que rompeu com o romantismo idealizado e apresentou um narrador morto que conta sua própria história com cinismo e lucidez. Publicou mais de 200 contos, dez romances, poesias e peças de teatro. Mas além de escritor prolífico, Machado foi intelectual engajado que, em 1897, reuniu-se com colegas para fundar a Academia Brasileira de Letras, instituição que presidiu até sua morte, em 1908, e que deu à língua portuguesa um espaço institucional de prestígio.

O que torna Machado particularmente relevante hoje é jus-

Em sua obra, Machado de Assis antecipou técnicas narrativas que só ganhariam força no século XX



Machado de Assis



Natasha Felix

tamente o que o torna desafiador. Seus personagens — Capitu, Brás Cubas, Quincas Borba, Dom Casmurro — não são heróis ou vilões, mas seres contraditórios, movidos por ambição, desejo, vaidade e medo. Capitu, seu personagem mais debatido, permanece enigmática após mais de um século: traiu ou não traiu Bentinho? Machado recusou a certeza moral. Escreveu sobre a subjetividade humana antecipando técnicas narrativas que só ganhariam força no século seguinte.

Sua ironia e capacidade de mascarar crítica social em conversa de salão denunciava hipocrisias coletivas. Quando Brás Cubas, já morto, olha para trás e vê sua vida como uma sequência de pequenas traições e compromissos, está fa-



Muato

lando sobre a própria estrutura da sociedade brasileira, sobre como nos tornamos cúmplices do sistema que nos oprime. E quando Machado escreve sobre personagens negros — como em “Quincas Borba” ou em contos como “O Alienista” — faz isso de forma velada, irônica, mas devastadora, refletindo sua própria experiência como homem negro em uma sociedade escravocrata e profundamente racista.

Preservar e reafirmar a obra de Machado é necessária. Vivemos em tempos em que a leitura literária compete com múltiplas formas de entretenimento digital, em que o acesso à cultura clássica se concentra em espaços elitizados e as gerações mais jovens crescem sem contato com textos que po-

Reprodução

Divulgação/Prefeitura de Maricá



O Cine Henfil, no centro de Maricá, recebe as atividades do festival, uma programação inteiramente gratuita

O cinema engajado mora em Maricá



Cidade da Região dos Lagos reúne até domingo gente que pensa e faz cultura no III Festival de Cinema e Política com filmes, mesas de debate, masterclasses e apresentações artísticas

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

A relação entre cinema e política voltará ao centro das atenções no estado do Rio de Janeiro com a realização da terceira edição do Festival de Cinema e Política de Maricá, que acontece até domingo (21). Reunindo realizadores, pensadores, escritores, músicos, ativistas e gestores culturais, o evento aposta numa programação que combina exibições de filmes, mesas de debate, masterclasses e apresentações artísticas, consolidando-se como um dos mais relevantes espaços de reflexão sobre o papel da imagem na construção da memória coletiva e da cidadania.

Com curadoria de Sady Bianchin, o festival abriu nesta terça-feira (16) suas atividades com uma cerimônia oficial reunindo represen-

tes da administração municipal e do setor cultural, seguida pela mesa “Cinema, Política e Vanguarda”. O encontro teve a participação da cantora, realizadora e artista visual Ava Rocha, do cineasta Luiz Carlos Lacerda, conhecido como Bigode, e de Pedro Paulo Rocha, também filho de Glauber. A programação cinematográfica do primeiro dia foi marcada pela exibição de “Terra em Transe”, clássico incontornável de Glauber, obra que permanece como uma das mais contundentes reflexões sobre poder, ideologia e disputas políticas na história do cinema latino-americano.

Nesta quarta, o festival amplia o diálogo entre cultura e identidade ao receber o Coral Arandu Mirim, ligado aos povos originários. Em seguida, a mesa “A Poética no Cinema Político” reunirá o escritor Ivan Cavalcanti Proença e o realizador Walter Lima Jr., com participação prevista do diretor de fotografia

Walter Carvalho. A programação inclui ainda a exibição do curta “Em Busca das Terras sem Males”, de Anna Azevedo, antecedendo a sessão de “A Ostra e o Vento”, uma das obras mais celebradas da filmografia de Walter Lima Jr., premiada em diversos festivais internacionais.

A quinta-feira será dedicada às relações entre experiência pessoal, militância e criação artística. O encontro “A Vida como Roteiro na Política” prestará homenagens a figuras ligadas à história política brasileira, contando com a participação prevista de Vladimir Palmeira. Na sequência, o documentarista Emílio Domingos ministrará uma masterclass. Mais tarde, a mesa “Cinema e a Negação do Brasil” reunirá Adélia Sampaio, Emílio Domingos e, possivelmente, Zezé Motta, numa discussão inspirada pelo documentário “A Negação do Brasil”, de Joel Zito Araújo, que será exibido após a sessão do curta “O Olhar dos Anos

60”, realizado por Adélia Sampaio.

A programação de sexta-feira aproxima o audiovisual das estratégias de desenvolvimento regional. O debate sobre Film Commissions e políticas de incentivo à produção audiovisual contará com profissionais ligados ao setor, refletindo sobre o potencial econômico e cultural da atividade cinematográfica. Mais tarde, o festival promove a mesa “Cinema, Futebol e Política”, reunindo o jornalista Nando Antunes, o ex-jogador Afonsinho e a realizadora Anna Azevedo. O tema dialoga diretamente com a exibição de “Linhas Tortas: Nando, o Primeiro Jogador Anistiado”, documentário de João Wainer que revisita a trajetória de um dos nomes mais importantes da resistência democrática no futebol brasileiro. A noite será concluída com a transmissão do jogo da seleção brasileira.

O fim de semana concentra algumas das atividades mais aguar-

dadas da programação. No sábado, a realizadora Lúcia Murat, uma das figuras centrais do cinema político brasileiro contemporâneo, conduzirá uma masterclass antes de participar da mesa “Mulheres na Linguagem Cinematográfica”, ao lado de Carla Camurati e representantes de instituições ligadas às políticas públicas para mulheres. A sessão principal do dia será dedicada ao documentário “Raízes do Sagrado Feminino”, dirigido por Carla Camurati.

O encerramento, no domingo, reforça a dimensão internacional do evento. A programação começa com a exibição do curta “Hasta Siempre, Pepe Mujica”, de Thiago Prado, dedicado ao antigo presidente uruguaio que se transformou numa referência ética e política muito para além das fronteiras do seu país. Em seguida, a mesa “A Arte Contra a Barbárie” reunirá três nomes fundamentais da cultura ibero-americana: Thiago Prado, Ruy Guerra e Neville D’Almeida. O festival termina com a exibição de “Jardim de Guerra”, filme de Neville D’Almeida que revisita questões históricas e políticas através de uma abordagem estética marcada pela experimentação.

Ao longo de seis dias, o Festival de Cinema e Política de Maricá propõe um encontro entre diferentes gerações de criadores e pensadores, reafirmando a capacidade do cinema de estimular reflexão crítica sobre o passado, o presente e os desafios futuros da sociedade. Mais do que uma mostra de filmes, o evento assume-se como um espaço de debate público onde a arte surge como instrumento de memória, resistência e transformação cultural.

ENTREVISTA | SADY BIANCHIN

POETA, DIRETOR E SECRETÁRIO DE CULTURA E DAS UTOPIAS DE MARICÁ

'O cinema conta histórias que a sociedade quer esquecer'



Qual é o projeto cinematográfico que Maricá tem pela frente e de que maneira o festival contribui para ele?

Sady Bianchin - Maricá começou a desenhar um polo de cinema com as criações da Maricá Filmes, da Incubadora Cultural, do Cine Henfil (sala de projeção de rua totalmente gratuita), do Estúdio Público Glauber Rocha e do Festival de Cinema e Política. Agora, por iniciativa do prefeito Washington Quaquá, foi criada a Maré, uma companhia presidida por Antônio Grassi que está lançando editais para fomentar a cadeia produtiva do audiovisual. O festival tem uma enorme contribuição nesse processo, pois, além de levar grandes nomes do cinema já consagrados, coloca lado a lado novos realizadores locais talentosos. Isso permite dar uma dimensão nacional a Maricá e incentivar a qualidade da produção regional, além de promover a geração de economia criativa e a inclusão dos realizadores do município no orçamento cultural.

Quais são as apostas do evento para o fim de semana e o que podemos aguardar das homenagens a Ruy Guerra, além da presença cinéfila de medalhões como Lúcia Murat, Adélia Sampaio, Neville D'Almeida, Luiz Carlos Lacerda (o Bigode) e Walter Lima Jr.?

Aos grandes nomes do cinema brasileiro estamos oferecendo a Medalha Darcy Ribeiro, símbolo da dedicação à arte cinematográfica ao longo de suas vidas. Assim como Darcy, que pensava uma nova civilização tropical e apostava na potência das nossas matrizes étnicas, nós, da Secretaria de Cultura e das Utopias, acreditamos na arte como instrumento de transformação social, capaz de mudar a vida das pessoas.

Que vocação artística Maricá traz em sua história e como expandir essa rela-

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Gente que fala, mas faz (e bem pacas), Sady Bianchin é onipresente onde a arte tem poder analgésico e reconstrutor, participando ativamente de tudo quanto é evento do Rio de Janeiro sempre de butuca ligada no saber... na manha da escuta... na sabedoria do aprender. Ao se tornar secretário de Cultura e das Utopias de Maricá, esse multiartista passou a trabalhar (lá, aqui, nas fronteiras digitais das redes sociais e nas instâncias estéticas da criação) para fazer daquela cidade um perímetro de resistência. Parte expressiva de seu engenho se materializa na forma de um festival de curtas e longas-metragens, que começou na terça-feira e segue até domingo. É a terceira edição do Festival Cinema e Política. É mais do que um jeito de se partir de expressões fílmicas para debater o Poder. É uma estratégia de dar visibilidade tanto a mestres que merecem mais espaço e prestígio do que têm (como Lúcia Murat, Ruy Guerra, Luix Carlos Lacerda, Walter Lima Jr. e Neville D'Almeida) quanto a jovem esquadra de argonautas maricaenses da produção audiovisual. Nesta quinta, rola um debate decolonial sobre a Negação do Brasil, com Adélia Sampaio e Emílio Domingues.

Afinado com projetos inclusivos do prefeito Washington Luiz Cardoso Siqueira, mais conhecido como Washington Quaquá (PT), que redefiniu o papel de Maricá no Brasil, Sady encampou o cinema como um xodó. Neste papo ele explica que sonho não tem the end.



Divulgação

“A nossa cultura popular brasileira é o único lugar onde não somos colônia. Precisamos preservar e disputar a memória para impulsionar o desenvolvimento das gerações futuras”

ção com as artes?

Maricá, a cidade das utopias, é um laboratório de políticas públicas com investimentos no social e também na cultura, colocando a população no centro do orçamento da cidade por meio de seus programas. A ideia é preparar Maricá

para o futuro através da cultura, que é um produto infinito e tem como características as invenções democráticas, maneiras criativas e solidárias de desenvolver autonomia e cooperação no território. Maricá se transforma em um grande palco e tela de reflexões,

arte e cultura, reunindo cineastas, pesquisadores, artistas e o público em uma programação totalmente gratuita. Serão seis dias de mesas de debate, masterclasses, exposições de filmes e curtas maricaenses, além da presença de importantes nomes do cinema brasileiro.

Que recado se dá ao abrir um festival com Glauber Rocha, como vocês fez, terça passada, ao trazer “Terra Em Transe” para Maricá?

O recado que queremos passar com a homenagem a Glauber Rocha é que a nossa cultura popular brasileira é o único lugar onde não somos colônia. Precisamos preservar e disputar a memória para impulsionar o desenvolvimento das gerações futuras. O cinema conta histórias que a sociedade quer esquecer. Por isso, o Festival de Cinema e Política é um espaço de reflexão para construir uma nova visão de mundo, mais justa e igualitária, onde a dignidade seja a referência, da ideia na cabeça à prática na mão. Acreditamos que a teoria é a prática do pensamento e que a utopia é o sonho que se realiza na luta do dia a dia.

Filmes para a jugular do Drácula

Há 25 anos, o Festival de Transilvânia faz da terra natal de Vlad, o Empalador, um perímetro de celebração das potências autorais, com espaço rarefeito para a América do Sul

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Coroada com a Palma de Ouro de 2026, em Cannes, há cerca de um mês, pela excelência de “Fjord”, de Cristian Mungiu, a Romênia tem um patrimônio cultural inestimável, embora dos mais controversos, na figura de Vlad III, ou Vlad, o Empalador, chamado na língua deles de Draculea, líder político e senhor da guerra que nasceu em 1431 e morreu em 1476, ali pelos 45 anos, entrando para a posteridade (e para ficção) como o mais famoso vampiro de que se tem notícia.

O cantinho da Valáquia onde governou é conhecido pela Transilvânia, região do centro de sua pátria, cercada pelos Montes Cárpatos e marcada por extensas áreas florestais. Ocupa, nos marcadores da Geografia, cerca de 100 mil quilômetros quadrados do território romeno e abriga uma população estimada em 6 milhões de habitantes. Seu principal centro urbano é Cluj-Napoca, cidade localizada a aproximadamente 450 quilômetros de Bucareste — percurso que demanda entre seis e sete horas de carro, dependendo das condições de tráfego.

O tanto que se fala em Drácula por lá, fala-se de cinema, sobretudo nesta época do ano, em que aquele perímetro de uma Europa mais empobrecida abriga um dos mais respeitadas festivais de filmes do planeta, de 2002 (quando surgiu) para cá. Com sessões por salas tradicionais de sua zona urbana e por espaços alternativos, além de projeções ao ar livre, aquela maratona cinéfila, hoje celebrando 25 edições, abriu tela no Dia dos Namorados e encerra seus trabalhos no domingo, com a projeção da comédia canadense “Folichonneries”, de Eric K. Boulianne.

O Brasil não teve vez por lá este ano, mas a América do Sul se destaca na competição central (a lista ao lado) com “Hangar Rojo”, do Chile, que veio consagrado da Berlimale. Dirigido por Juan Pablo Sallato, com base num orçamento de US\$ 700 mil e apenas 16 dias para dar conta da tarefa de recriar a América



Praça de Cluj-Napoca decorada com os motivos celebrativos do festival



“Truly Naked”, de Muriel d’Ansembourg, é parte da retrospectiva dos Países Baixos na maratona romena



“Hangar Rojo” remonta às origens da ditura no Chile, em 1973, em coprodução com a vizinha Argentina

do Sul da década de 1970 na província de Mendoza, na Argentina, este thriller político não contou com o apoio do estado chileno. A marola de dificuldades não limitou seu talento ao rever a saga de um capitão da Força Aérea que enfrentou suas autoridades fardadas durante o golpe que tirou Salvador Allende do Poder, em 1973. É um estudo delicado sobre a psiquê dos militares que rechaçaram ditaduras. Sallato encara um júri que conta com a programadora holandesa Sandra den Hamer, executiva do Netherlands Film Fund; o ator irlandês Aiden Gillen; o diretor de fotografia e cineasta romeno radicado no México Noaz Deshe; a cineasta sérvia Ivana Mladenovic; e o distribuidor polo-

nês Roman Gutek.

A Não ficção reina na Transilvânia na seção “What’s Up, Doc?”, que completa cinco anos como mostra independente, com júri próprio. Disputam o prêmio principal “We Were Left Alone”, de Adrián Canoura (Espanha); “Goodbye Sisters”, de Alexander Murphy (França); “Bouchra”, de Orian Yani Barki e Meriem Bennani (Estados Unidos); “Motel Paraíso”, de Jose Eduardo Castilla Ponce (México); “Hex”, de Maja Holand (Noruega); “Variations on a Theme”, de Jason Jacobs e Devon Delmar (África do Sul); “Of Mud and Blood”, de Jean-Gabriel Leynaud (França); “The Seoul Guardians”, de Kim Jong-Woo, Kim Shin-Wan e Cho Chul-

-Young (Coreia do Sul); “Memory”, de Vladlena Sandu (França); e “Far From Maine”, de Roy Cohen (França). Segundo a curadora Craita Nanu, apesar das diferentes origens geográficas, os filmes dialogam em torno de temas como afeto, proximidade humana, memória e busca pela verdade.

Destaques paralelos

Um dos destaques paralelos da edição é o foco dedicado ao cinema dos Países Baixos. A mostra reúne produções recentes e clássicos fundamentais da cinematografia neerlandesa. Entre os títulos mais conhecidos pelo público brasileiro estão “O Silêncio do Lago” (1988), um thriller de George Sluizer que se

LONGAS DE FICÇÃO EM COMPETIÇÃO

- * “Feels Like Home”, de Gábor Holtai (Hungria)
- * “Butterfly”, de Itonje Søimer Cuttormsen (Noruega)
- * “Truly Naked”, de Muriel d’Ansembourg (Holanda)
- * “Hangar Rojo”, de Juan Pablo Sallato (Chile)
- * “Lionel”, de Carlos Saiz (Espanha)
- * “A Useful Ghost”, de Ratchapoom Boonbunchachoke (Tailândia)
- * “Le Roi Soleil”, de Vincent Maël Cardona (França)
- * “La Noche Está Marchandose Ya”, de Ezequiel Salinas e Ramiro Sonzini (Argentina)
- * “Sicko”, de Aitore Zholdaskali (Cazaquistão)
- * “Our Father”, de Goran Stanovic (Sérvia)
- * “Titanic Ocean”, de Konstantina Kotzamani (Grécia)
- * “A Sombra do meu Pai” (“My Father’s Shadow”), de Akinola Davies Jr. (Nigéria/ Reino Unido)

Villano

Em reencontro com a **autoralidade**

Davi Moraes estreia nesta quinta no Manouche novo espetáculo em que dá vazão à sua carreira solo

AFFONSO NUNES

Davi Moraes, guitarrista e compositor que há anos trabalha com o legado de seu pai, Moraes Moreira (1947-2020) se reencontra com sua autoralidade no show “Eletroacústico”, que estreia nesta quinta-feira (18) no projeto “Mi Casa, Su Casa” — uma série de apresentações intimistas —, revela uma faceta musical construída ao longo de anos de trabalho em estúdio e palcos.

A apresentação começa em for-



Divulgação

mato solo com voz e guitarra. No bloco seguinte, o músico recebe Marcelo Linhares (baixo), Maurício Piassarollo (teclados) e Wallace Santos (bateria).

O repertório transita entre levadas afro-brasileiras, canção, improviso e texturas que misturam acústico e elétrico. Davi vai mostrar suas vertentes: do barro-

Há anos Davi Moraes retoma sua obra depois de anos preservando o legado de seu pai, Moraes Moreira, no carnaval baiano

co ao sintetizador, passando por composições autorais, releituras e canções criadas em parceria com artistas como Arlindo Cruz, Fred

Camacho, Marcelinho Moreira, Carlinhos Brown, Pedro Luís, João Cavalcanti e Rodrigo Maranhão, entre outros.

Pela primeira vez, Davi compartilha com o público histórias e bastidores dessas parcerias, revelando como nasceram muitas das músicas e momentos marcantes de sua carreira. A abordagem percussiva

de sua guitarra e a força rítmica são marcas registradas de seu trabalho — elementos que ganham ainda mais presença quando acompanhado pela banda.

Segundo o próprio artista, esse show é um ponto de virada. “Depois de alguns anos levando o legado do meu pai no carnaval, já há algum tempo venho pensando em fazer shows sozinho, com guitarra e violão — o que também é um legado do meu pai: ele ia para tudo quanto era lugar com o violão sozinho, como fez em vários shows no Manouche. Esse show é um reencontro com meu som, com o som do Davi; é uma descoberta que vem de há algum tempo, a vontade de cada vez fazer mais coisas sozinho, mostrar minhas músicas, minhas parcerias — esse é o ponto principal desse show”, adianta Davi.

SERVIÇO

DAVI MORAES — ELETROACÚSTICO

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983 — Jardim Botânico) | 18/6, às 21h
Ingressos: R\$ 160 e R\$ 80 (meia solidário, — levando 1 kg de alimento não perecível ou livro, doado a comunidades carentes)

ROTEIRO MUSICAL

POR **AFFONSO NUNES**



Divulgação

Nas veias do Capibaribe

Conhecido por sua longa parceria com Lenine, o cantor e compositor Lula Queiroga apresenta “Capibaribum”, espetáculo baseado em seu álbum homônimo de 2024, nesta quinta, às 19h, no Espaço Cultural BNDES, com entrada gratuita. O show explora a história do rio Capibaribe, principal via natural do Recife, através de ritmos nordestinos como forró, xote, maracatu e frevo, combinados com arranjos contemporâneos e elementos eletrônicos. A apresentação celebra a cultura popular brasileira e a identidade cultural do Nordeste.



Divulgação

Décadas de parceria

A cantora Áurea Martins e o pianista Cristovão Bastos lançam o álbum “Amizade” em show no Teatro Rival Petrobras nesta quinta (18), às 19h30, no Teatro Rival Petrobras. Esse encontro entre os dois artistas celebra décadas de parceria musical e afeto. E tem comemoração dupla: 86 anos de Áurea Martins e 80 anos de Cristovão Bastos. E o show vai contar com participações especiais de Miguel Rabello (violão e voz) e Daniela Spielmann (sax). O repertório tem clássicos, canções inéditas e registros pouco conhecidos do grande público.



Divulgação

Um duo entrosado

O pianista, cantor e compositor Marcos Ariel e o guitarrista e compositor Victor Biglione formam um duo que reúne muitos anos de música, amizade e sucesso. Juntos, apresentam o espetáculo 100 Anos de Música, uma celebração aos 50 anos de carreira artística de cada um, totalizando um século dedicado à arte. No palco, além de homenagearem essa trajetória marcada por grandes sucessos, os artistas celebram a amizade construída ao longo das décadas. O repertório passeia pela bossa nova e pelo jazz. A cumplicidade aflora no palco.

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)

O mundo - de lá e o de cá - gira enquanto há gira



Museu de Arte Negra, Ipeafro

O Vale de Exu (1969), tela de Abdias Nascimento

Cheguei atrasado e, mal pus os pés na gira - o ritual que mistura festa e religiosidade -, e já levei uma bronca. E não foi de qualquer um: foi de uma entidade. E entidade, é bom que se diga, não engole desculpa esfarrapada. Eu podia ter chegado mais cedo. Não cheguei. Fui vencido pela preguiça, essa velha conhecida que todo mundo enfrenta e quase ninguém derrota.

Foi no último dia 14 de junho, um dia depois da data em que os praticantes das religiões de matriz africana celebram a entidade que faz a ponte entre o Orum e o Aye - entre o plano espiritual e este nosso chão de cá: Exu. Nosso amigo e irmão que abre os caminhos, que carrega nossas demandas mundo afora e mundo acima. E se há algo que define a religiosidade afro-brasileira é justamente isto: a festa não é o enfeite da devoção. A festa é a devoção. Reza-se sambando, cantando, comendo, agradece-se rindo, cultua-se com alegria.

Para completar, tudo aconteceu em clima de Copa do Mundo,

um dia depois da estreia do Brasil. Para quem, como eu, se derrete por Copa, a tarde ganhou um tempero a mais, como se dois tipos de fé estivessem em campo ao mesmo tempo.

E aqui está o que essa festa tem de raro. Pare para imaginar a cena: num mesmo espaço, nós, os teoricamente vivos, os de carne e osso, convivendo diretamente com entidades que habitam o outro plano. Cada um crê no que quiser, claro. Mas nós, que praticamos, temos a certeza de estar ali ao lado de representantes do mundo espiritual - que conversam com a gente como amigos, como

irmãos, como pais. Inclusive para dar bronca em filho que chega tarde.

No meu caso, há um capítulo ainda mais especial. A Marcela, minha namorada, meu amor de duas décadas, descobriu há algum tempo, dentro da Umbanda, que é médium. Pois minutos depois de eu chegar, ela incorporou Dona Maria Padilha, entidade forte, potente, que representa a essência máxima da feminilidade.

Não tem como explicar direito o que é isso. Você se aproxima do corpo de quem ama, de quem divide a vida com você, e percebe pelos olhos que não é mais ela quem está ali. É preciso saudar com respeito, reconhecer que naquele corpo querido se manifesta uma entidade que zela por ela - e, por tabela, zela por mim e por todos nós que dividimos essa fé. É inusitado e é bonito, as duas coisas ao mesmo tempo.

A gente volta pra casa revigorado, com uma certeza fincada no peito: a distância que nos separa do mundo espiritual é curtinha. Numa festa dessas, a gente põe o pé lá, e eles de lá põem o pé aqui. Os dois mundos se encontram no meio do caminho, se cumprimentam, se abraçam. E sobra ainda uma ternura por este nosso planetinha, que nos faz sofrer tanto, mas que de vez em quando guarda momentos assim, dos que valem por uma vida inteira.

Não poderia terminar sem saudar quem nunca me larga: Seu Tranca Ruas e Seu Zé Pelintra, que caminham sempre ao meu lado. A vocês, a minha honra e a minha gratidão.

E quanto à bronca do começo? Mereci. Na próxima, eu chego cedo. Ou ao menos prometo tentar - porque preguiça, todo mundo sabe, é um espírito teimoso de se despachar.